



PSICANÁLISE

Coordenadora

Martha Maria de Moraes Ribeiro

Organizadores

Andréa Ciciarelli Pereira Lima | Cláudia Fernanda Bianchi |

Débora Agel Mellem | Lídia Neves Campanelli |

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro | Sônia Maria de Godoy

Matrizes míticas na obra de Bion

Blucher



MATRIZES MÍTICAS NA OBRA DE BION

Conteúdo

Prefácio	9
Introdução	15
Édipo	41
Édipo enxadrista <i>Flávio Ribeiro de Oliveira</i>	43
Sobre o mito de Édipo <i>Arnaldo Chuster</i>	55
Somos todos Édipo! <i>Ana Márcia Vasconcelos de Paula Rodrigues</i>	95
Jardim do Éden	99
O Jardim do Éden e Pandora <i>Mary de Camargo Neves Lafer</i>	101

Um recorte clínico à luz do mito do Jardim do Éden, sob o vértice predominante da teoria bioniana: hostilidade ao conhecimento e moral arrogante	111
<i>Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini</i>	
Sobre Jardim do Éden, Prometeu e Pandora	131
<i>Maria José Bottino Roma</i>	
Torre de Babel	135
Torre de Babel: matriz e reescritura	137
<i>Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza</i>	
As matrizes míticas na obra <i>Torre de Babel</i> , de Bion	149
<i>Eva Maria Migliavacca</i>	
Encontrando alguns vértices do estado “Babel” da mente, da cultura e da civilização por intermédio do mito	165
<i>Maria Luiza Soares Ferreira Borges</i>	
O cemitério real de Ur	171
O cemitério real de Ur e o mundo dos mortos na Mesopotâmia antiga	173
<i>Jacyntho Lins Brandão</i>	
A história do cemitério real de Ur como modelo para a investigação do desejo de conhecer	209
<i>Raul Hartke</i>	

Um passeio numa manhã de sábado: visita ao cemitério real de Ur e à Biblioteca do Conhecimento	229
<i>Maira Cecília Avi</i>	
A morte de Palinuro	233
A morte de Palinuro na <i>Eneida</i> : considerações sobre a construção narrativa do mito	235
<i>Márcio Thamos</i>	
Mito da morte de Palinuro	255
<i>Antonio Sapienza</i>	
Por mares nunca dantes navegados: a Virgil-ânsia da confiança	263
<i>Patrícia Rodella de Andrade Tittoto</i>	
Referências	273
Comissão organizadora	285
Sobre os autores	287

Édipo enxadrista¹

Flávio Ribeiro de Oliveira

Mito grego

A tradição religiosa judaico-cristã tem seus livros canônicos. Quando pensamos, por exemplo, no mito de Davi e Golias, podemos recorrer à versão canônica do mito, que está registrada no Primeiro Livro de Samuel, no Velho Testamento. A mitologia grega arcaica, contudo, não tinha livro canônico: seus mitos se encontravam em inúmeras tradições, muitas vezes divergentes, vindas de regiões diferentes e retomadas durante séculos em diversos relatos de natureza variada, geralmente versificados (na literatura grega, a poesia precede a prosa). Não havendo versão canônica do mito, é impossível retroceder a uma suposta versão original. Consideremos, como contraste, um mito moderno: o do doutor Victor Frankenstein e da criatura que fabricou com pedaços de cadáveres e à qual deu vida por meio de procedimentos científicos. Há

1 Este artigo é uma versão ampliada do texto publicado como introdução em Sófocles (2015). *Rei Édipo* (Flávio Ribeiro de Oliveira, Introd., trad. e notas). São Paulo, Odysseus.

numerosas versões desse mito na literatura e no cinema, mas todas derivam de uma versão original que podemos identificar com precisão: o livro de Mary Shelley, publicado em 1818. No caso de cada mito grego, também conhecemos muitas versões, mas não conhecemos – e nunca poderemos conhecer – o original. Portanto, aquilo que chamamos “mito grego” é, na verdade, uma abstração formada a partir de um entrelaçamento de versões.

O mito de Édipo

O nome da mãe de Édipo apresenta grande variação na literatura grega. No Canto XI da *Odisseia*, por exemplo, Homero se refere a ela como Epicasta. Jan Bremmer (1987, p. 51), para explicar essa variação, propõe a hipótese de que, na estrutura original do mito, o incesto fosse um tema acessório, empregado para expressar uma condenação moral do tema central – o parricídio. Uma analogia nos permitiria compreender melhor o ponto de vista de Bremmer. Tomemos um mito moderno jocoso: aquele que afirma que comunistas comem criancinhas. Ora, essa proposição não tem como finalidade condenar moralmente a antropofagia, e sim o comunismo. A antropofagia é um tema acessório empregado para condenar moralmente os comunistas: são tão perversos que chegam a comer criancinhas!

A versão mais conhecida do mito de Édipo é aquela que encontramos na tragédia *Rei Édipo* (*Oidípous Týrannos*), de Sófocles – uma obra que influenciou profundamente a história da literatura e da civilização ocidental. Pretendo, a seguir, analisar o modo como Sófocles, nessa obra, trata o parricídio – que, como vimos, é o tema central do mito de Édipo.

O Rei Édipo de Sófocles

Não se sabe a data exata em que o *Rei Édipo* de Sófocles foi apresentado pela primeira vez no teatro de Dioniso em Atenas. Estudos costumam situar a peça entre 430 a.C. (ano em que assolou Atenas uma epidemia de peste à qual talvez Sófocles faça referência em seu texto) e 425 a.C. (ano em que Aristófanes apresentou a comédia *Os acarnenses*, na qual há um verso que, aparentemente, parodia uma passagem da tragédia de Sófocles).

“Tragédia grega” não é uma classificação vaga de gênero literário. A tragédia composta em Atenas no século V a.C. era uma forma de poesia que obedecia a convenções e padrões compositivos rigorosos. Uma dessas convenções limita a ação dramática no tempo e no espaço: toda ação deve transcorrer em um único dia e em um mesmo lugar. Conhecemos peças que fogem a esse princípio formal (*Eumênides* de Ésquilo, por exemplo); o *Rei Édipo* de Sófocles, contudo, não é exceção: toda a ação dramática ocorre em Tebas, diante do palácio real, em um único dia – o dia em que Édipo descobre sua verdadeira identidade.

Édipo é rei de Tebas. No prólogo da peça, o público o vê diante do palácio, com anciãos tebanos que vieram pedir sua intervenção para salvar a cidade, devastada pela peste e padecendo com a esterilidade em seus campos, seus animais domésticos e suas mulheres. Édipo, rei providente, anuncia que já agiu: enviou Creonte, seu cunhado, a Delfos, para que consultasse o célebre oráculo sobre as medidas que deveriam ser tomadas. Nesse exato momento, chega Creonte e anuncia que o oráculo de Delfos prescreve a punição do assassino de Laio, rei de Tebas antes de Édipo assumir o poder. Laio fora morto na estrada, quando viajava com uma comitiva. Todos os que o acompanhavam também foram assassinados, exceto um homem. Esse sobrevivente relatou que *bandidos* assassinaram

Laio (Creonte, ao lembrar essa circunstância, enfatiza o plural: mataram-no não pela força de um homem só, mas com múltiplas mãos). Édipo aceita a tarefa: a partir daquele momento, vai se encarregar de descobrir e castigar o assassino – ou os assassinos – de seu predecessor.

No início do primeiro episódio, Édipo proclama a terrível imprecação contra o assassino de Laio e aqueles que, conhecendo sua identidade, não a revelam. Lembremo-nos de que, no pensamento religioso grego, as imprecações solenes eram eficazes: uma vez pronunciadas conforme as fórmulas rituais, elas se cumpriam infalivelmente. Édipo, contudo, vê um obstáculo em sua ação para punir o culpado e, assim, livrar Tebas da peste e da esterilidade: o oráculo afirmou que o assassino de Laio devia ser punido, mas não disse *quem* era ele. Édipo, então, convoca o sábio adivinho Tirésias, para que revele a identidade dos responsáveis pela morte de Laio. As palavras que diz Tirésias ao chegar sintetizam uma ideia fundamental para que compreendamos a peça: “que horror é o saber!” (*phroneîn hôs deinón*, verso 316). O adivinho se recusa a revelar o que sabe. De fato, para Édipo, tudo seria mais fácil se ele não viesse a saber, se morresse ignorante daquilo que perpetrara. Contudo, o rei não desiste, em nenhum momento, de investigar tudo. Édipo insiste para que Tirésias fale; o adivinho teima em se calar. O rei o acusa de ser cúmplice dos assassinos. Tirésias, então, diz tudo: “és tu o assassino do homem” (verso 362). Édipo se enfurece e afirma que o adivinho é charlatão e conspirador. Muitos leitores precipitados pensam, nesse ponto: como, ao ouvir isso, Édipo não percebeu tudo? Édipo age de má-fé. Tirésias disse claramente que ele matou Laio. Ora, nós, leitores, conhecemos *toda* a história. Édipo, nesse ponto, não. Seu saber vai se construindo gradativamente. Agora, ele está procurando o assaltante que, com um bando, matou o rei. Édipo nunca fez parte de um bando de assaltantes. Para ele, a acusação de Tirésias é simplesmente absurda; a reação de Édipo

é compreensível e a hipótese que formula é lógica, dadas as circunstâncias: Tirésias deve fazer parte de alguma conspiração para desacreditá-lo perante os tebanos e para usurpar-lhe o trono. Tirésias, antes de partir, acrescenta: o assassino de Laio (que ele já disse ser Édipo) é “irmão e pai dos próprios filhos . . . e filho e esposo da mulher de quem nasceu; e assassino do pai” (versos 457-460). Para Édipo, tudo isso é um disparate. Para ele, seu pai é Pólibo, que está vivo e é rei de Corinto; sua mãe é a esposa de Pólibo, Mérope. Édipo formula a única hipótese que lhe parece razoável: Tirésias conspira. E, como foi Creonte quem sugeriu que se consultasse o adivinho, deve ser ele o chefe da conspiração.

No início do segundo episódio, Édipo acusa Creonte violentamente. Discutem. O rei pretende condenar o cunhado à morte. Chega Jocasta, esposa de Édipo. Ele lhe explica a situação. Jocasta, ao saber que a acusação de regicídio partira de Tirésias, tranquiliza o marido: nenhum mortal possui realmente a arte profética. Como prova dessa afirmação, Jocasta evoca um fato que lhe ocorreu anos antes: o oráculo de Delfos profetizara que Laio seria morto por um filho dele e de Jocasta. Contudo, ele foi morto por ladrões estrangeiros, no cruzamento de três caminhos (“numa tripla estrada”, verso 716). E o único filho que tiveram havia sido exposto num monte impérvio, com os pés atados, para que morresse. Portanto, a palavra profética do oráculo falhou.² As palavras com que Jocasta pretendia acalmar Édipo produzem efeito contrário: a menção ao cruzamento de três caminhos o alarma. Pergunta à esposa onde fica esse lugar e há quanto tempo ocorreu o assassinato de Laio. Jocasta responde que fica na Fócida e que o crime foi anunciado na cidade pouco antes da chegada de Édipo. Édipo pergunta qual

2 O argumento de Jocasta é indutivo. E é um argumento indutivo fraco: não se funda num grande número de eventos, mas em um único. É como se não chovesse em determinado domingo, e, a partir dessa única ocorrência, alguém, por indução, afirmasse que nunca chove aos domingos.

era a aparência de Laio; Jocasta responde: “era grande, começava a encanecer, era parecido com você”. Édipo se turba: talvez tenha lançado contra si mesmo terríveis maldições. Resume, para a mulher, sua história: é filho de Pólibo e Mérope, de Corinto. Certa vez, num banquete, um bêbado o chamou de filho falso de seu pai. Ele interrogou seus pais, que ficaram indignados com a acusação do conviva. Édipo, contudo, continuou inquieto e decidiu consultar o oráculo de Delfos. Ali, não obteve resposta a sua questão – se Pólibo era seu verdadeiro pai. Mas o oráculo profetizou que ele mataria o pai e se uniria à mãe, com a qual teria filhos. Édipo decidiu, portanto, não mais retornar a Corinto.

Se imaginarmos que Édipo é um enxadrista que joga contra a profecia, percebemos que a fuga de Corinto (nós, leitores, o sabemos, mas Édipo ainda não) foi um movimento errado: o oráculo não confirmou a paternidade de Pólibo. Disse a Édipo que ele assassinaria o pai. Mas não disse *quem* era o pai. Édipo podia estar fugindo para o lado errado. É como se ele tivesse se esquecido completamente de sua dúvida original.

Édipo continua o relato: em sua fuga de Corinto, chegou ao local mencionado há pouco por Jocasta e, no cruzamento das três estradas, topou com um carro, com comitiva, que conduzia um velho, com a aparência de Laio (conforme a descrição feita pouco antes por Jocasta). O condutor e o velho o empurraram para que saísse do caminho; o ancião o agrediu. Édipo se encolerizou e matou todos.

Portanto, se esse velho que Édipo matou era Laio, a imprecisão solene que o rei havia lançado contra o assassino de Laio se voltaria contra ele próprio. Nesse ponto da ação dramática, Édipo receia ser o assassino de Laio, rei que o precedeu no trono de Tebas – e apenas isso; ainda não desconfia de que é um parricida incestuoso. Ainda não associou as duas profecias (aquela que

afirmava que o filho de Laio o mataria e aquela que afirmava que Édipo mataria seu pai e se casaria com sua mãe). Lembremo-nos de que o que o aterroriza, agora, é a perspectiva de ter amaldiçoado a si mesmo. Ora, ele amaldiçoou o assassino de Laio. A maldição não aludia a incesto.

Ainda há para Édipo, portanto, forte motivo de esperança: se o homem que sobreviveu ao assalto contra Laio confirmar que o antigo rei foi morto por um grupo de bandidos, então saberemos que o velho assassinado por Édipo (que agiu sozinho) não era Laio, e, portanto, Édipo não é o regicida nem amaldiçoou a si mesmo. Aquele sobrevivente é um pastor que agora vive nos campos, fora da cidade. Jocasta manda buscá-lo, para que ele confirme ou não seu testemunho anterior.

No início do terceiro episódio, chega um mensageiro coríntio. Anuncia que Pólibo morreu e que Édipo será proclamado rei de Corinto. A notícia alivia Édipo e Jocasta: por causa da profecia, havia anos Édipo temia assassinar Pólibo. Agora, ele está morto – e morreu de velhice. Portanto, concluem Édipo e Jocasta, oráculos não são verazes. O casal rejubila. Não nos esqueçamos de que, nesse ponto do drama, a desmoralização dos oráculos não livra Édipo da suspeita que o angustia: a de que ele assassinou o rei que o precedera em Corinto. Édipo, agora, está livre do temor de matar o próprio pai, Pólibo. Contudo, ainda teme unir-se à própria mãe (é a segunda parte da profecia do oráculo). Édipo só terá sossego quando Mérope também morrer. O mensageiro, ao ouvi-lo, tranquiliza o rei: Édipo nem precisaria ter se expatriado de Corinto; Pólibo e Mérope não eram seus pais verdadeiros. Essa afirmação confirma a acusação do bêbado.

O mensageiro coríntio relata que ele mesmo, quando era pastor no Citéron, recebeu o bebê, Édipo, com os tornozelos feridos, das mãos de um servo da casa de Laio – e esse servo é justamente

o sobrevivente do assassinato de Laio, o pastor que havia declarado que Laio fora morto por um bando de ladrões. Essas informações bastam para que Jocasta compreenda que Édipo é seu filho (pois foi ela quem confiou a criança àquele servo, para que a expusesse no Citéron) – e só isso. O filho que Laio e Jocasta expuseram no Citéron sobreviveu: é Édipo, que há anos é esposo da própria Jocasta. Portanto, Jocasta agora sabe que Édipo é filho de Laio (Édipo ainda o ignora: ele não sabe de quem o servo recebeu a criança). Contudo, mesmo para Jocasta, ainda não se demonstrou que Édipo matou Laio. Se a testemunha confirmar seu primeiro depoimento (isto é, que Laio foi morto por um bando), então não foi Édipo quem o matou.

Jocasta se retira e entra no palácio. Édipo quer descobrir qual é sua origem. No início do quarto episódio, a testemunha chega. Esse homem é, agora, duplamente importante: em primeiro lugar, só ele pode confirmar se, de fato, Laio foi assassinado por um bando de assaltantes. Mas, depois do depoimento do mensageiro coríntio, só ele pode esclarecer quem são os verdadeiros pais de Édipo. E, nesse momento crítico, Édipo parece se esquecer do primeiro ponto: o assassinato de Laio (e é um ponto fundamental, pois é sobre o assassino de Laio que incide a imprecisão de Édipo). Agora, preocupa-o unicamente a questão de sua origem. Anos antes, ao receber a resposta oracular em Delfos, Édipo parecia ter se esquecido do problema que o angustiava (quem era seu verdadeiro pai?); agora, essa questão retorna e oblitera a outra (quem assassinou Laio?). Édipo pergunta ao servo quem eram os pais daquela criança. O servo reluta em falar (como, antes, Tirésias relutara). Édipo o ameaça. Ele diz tudo: o menino – Édipo – era filho de Laio e Jocasta; eles o confiaram ao servo para que o matasse, pois um oráculo havia previsto que a criança assassinaria Laio. Édipo entra no palácio; o servo parte. Notem bem: Édipo não lhe pergunta se, de fato, Laio foi assassinado por um bando de assaltantes...

Xeque-mate ou abandono

Todos conhecem as cenas de *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman (1957), nas quais o cavaleiro interpretado por Max von Sydow joga xadrez com a Morte. Ao final, a Morte lhe dá xeque-mate. O jogo de xadrez aparece com frequência – geralmente de forma simbólica – também na literatura: pensemos, por exemplo, no conto “O jogador de xadrez”, de Stefan Zweig. No cinema, lembro-me de um dos episódios do filme *Decálogo*, de Krzysztof Kieslowski, em que o personagem principal enfrenta e derrota uma jogadora profissional. Mas, em todas essas referências ao xadrez, chama-me a atenção um aspecto que talvez passe despercebido àqueles que não estão familiarizados com o jogo: nelas, o vencedor sempre dá xeque-mate no adversário. Contudo, essa é uma situação que *nunca* ocorre entre jogadores profissionais. Quem conhece um pouco do mundo do xadrez sabe que um bom jogador, quando se encontra numa situação de inferioridade irreversível, abandona a partida bem antes do mate e reconhece a vitória do adversário. Com o abandono, o jogador elegantemente admite que perdeu, sem que seja necessário chegar à situação de xeque-mate.

Édipo abandona a partida

Mas voltemos a Édipo. Agora ele sabe com certeza que é filho de Laio e Jocasta. Sabe, com certeza, que cometeu incesto – e não mais que isso. Contudo, por raciocínio indutivo, conclui que tudo está perdido e abandona o jogo. Como Jocasta, antes, empregara uma indução capenga para mostrar a ineficácia dos oráculos, Édipo, a partir da constatação de que a segunda parte de um dos oráculos se revelou verdadeira (Édipo se deitou com a própria mãe), aceita como verdade inequívoca todo o resto: a primeira parte do mesmo

oráculo (que afirma que Édipo mataria o pai) e o oráculo recebido por Laio (que afirma que ele seria morto pelo filho).

Capablanca versus Thomas – 1919

Interessa-me muito uma partida de xadrez de 1919 na qual o grande José Raúl Capablanca enfrentou George Alan Thomas, um adversário muito inferior. No 29º lance, Capablanca, com as brancas, joga D8T, e Thomas abandona, reconhecendo sua derrota. Aparentemente, não há nada de estranho nisso: como é normal no xadrez, o jogador que estava em inferioridade irrecuperável não esperou pelo xeque-mate e abandonou o jogo. Capablanca venceu. Contudo, observadores mais atentos notaram algo surpreendente no abandono de Thomas: ele se precipitou. A derrota não era inevitável. Se jogasse 29... TxPT, reequilibraria a partida. A posição no tabuleiro, depois de TxPT, permitiria que pensasse em um empate.

O complexo de Édipo

No mito grego – tradição que Sófocles conhecia, é claro – Édipo era um parricida. Contudo, em seu *Édipo*, Sófocles deixa aberta a questão do parricídio: a única testemunha ocular disse que Laio foi assassinado por um bando de ladrões (portanto, o assassino não seria Édipo). Na peça, os dois oráculos afirmam que Édipo matou seu pai. Também o afirma o adivinho Tirésias, que não testemunhou os fatos: ele o afirma com base na arte mântica, a arte da profecia e da adivinhação. Todavia, em boa parte da peça a arte mântica e a arte oracular são vigorosamente contestadas (veja-se a posição de Jocasta): sua veracidade é justamente o que está em

questão! Adivinhos podem ver o passado e prever o futuro? Oráculos são verdadeiros? Se Édipo matou Laio, a resposta é “sim”. Mas os únicos que afirmam que Édipo matou Laio são Tirésias e os oráculos! Afirmar que oráculos são verdadeiros *pois* Édipo matou Laio seria um raciocínio circular. A resposta que Sófocles dá à questão “Édipo matou seu pai?” é condicional: *se* você acredita em oráculos, sim. Se não acredita, talvez não...

Édipo, ao descobrir quem é – filho de Laio e de Jocasta –, abandona a partida: reconhece sua derrota, reconhece que não conseguiu evitar o que o oráculo lhe predissera, reconhece que matou seu pai. Mas, como Thomas diante de Capablanca em 1919, Édipo se precipitou. Abandonou o jogo cedo demais: ainda havia uma possibilidade de ele não ser o assassino de seu pai, o assassino do rei Laio, cuja impunidade provoca os males que assolam Tebas. A partida ainda não estava perdida. O raciocínio de Édipo procede de forma curiosa: no início da peça, a questão fundamental era “quem *fez?*” (ou seja, quem perpetrou o assassinato de Laio?). Édipo deve descobrir quem realizou aquele ato. A partir do depoimento do mensageiro coríntio, o foco da investigação de Édipo muda. Ele passa a ignorar a questão “quem *fez?*” e passa a se ocupar unicamente da questão “quem *sou?*”. Quando obtém a resposta à questão “quem sou?” (e a resposta é “sou filho de Laio”), Édipo aplica os dados à primeira questão (“quem *fez?*”) e admite, numa passagem lógica precipitada, que também é o assassino do rei: “sou filho de Laio, *logo* matei Laio”. Na lógica de Édipo, ser filho de Laio equivale a ser assassino de Laio. “Se sou filho de meu pai, eu o matei.”

Quando formulou suas teses sobre o desejo pela mãe e o impulso parricida, Freud buscou um paradigma no *Rei Édipo* de Sófocles. Se pensarmos que nessa obra há a possibilidade de Édipo não ser de fato parricida (coisa que Freud não percebeu) e que,

mesmo assim, ele assume que é parricida (“Se sou filho de meu pai, sou culpado de seu assassinato”), então a tragédia de Sófocles é um paradigma ainda mais eloquente do que o próprio Freud imaginava: o Édipo de Sófocles não é o parricida arquetípico, mas um homem atormentado pelo complexo de Édipo.



Sabemos que os mitos são os sonhos da humanidade que nos remetem aos sonhos do homem. Bion foi um dos mais criativos e inovadores psicanalistas da história da psicanálise, sua obra se encontra absolutamente viva e em contínuo escrutínio científico, revolucionando radicalmente a forma como os psicanalistas clínicos trabalham na contemporaneidade.

Em sua fase científica mais madura, Bion propõe cinco formulações míticas, por meio das quais poderíamos adentrar portais, “cesuras”, que nos capacitam a apreender os fenômenos psíquicos presentes no campo analítico. Pela observação do sonho que emerge na mente do analista em interação íntima com a mente do analisando, e inspirados nesses cinco mitos, os componentes onírico-mito-poéticos da experiência emocional humana se reúnem, abrindo caminhos inusitados para a compreensão aprofundada dos fenômenos mentais.

Paulo de Moraes M. Ribeiro

Membro efetivo da SBPSP e da SBPRP

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1921-7



9 788521 219217

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Matrizes Míticas na Obra de Bion

Martha Maria de Moraes Ribeiro (coordenadora), Andréa Ciciarelli Pereira Lima, Cláudia Fernanda Bianchi, Débora Agel Mellem, Lídia Neves Campanelli, Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro, Sônia Maria de Godoy

ISBN: 9788521219217

Páginas: 292

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.370 kg